

#### 4.3.5. A Guerra de Outubro (1973): dependência israelense e aprofundamento do paradoxo nuclear

O exemplo da Guerra de Outubro de 1973 demonstra como atores estatais regionais, (os chamados "estados cliente") envolveram tão profundamente seus aliados indiretos e fornecedores de armamento, as superpotências (ou "estados protetores"), numa guerra que extrapolou os limites de um conflito regional; e que o comportamento dos estados protetores deixou de ser compatível com seus interesses imperiais globais. As superpotências perderam influência com o desenrolar da guerra, e foram usadas por seus clientes para a defesa de seus interesses específicos, correndo o risco de envolvimento em um confronto global, eventualmente nuclear.

A guerra invalidou quase todas as expectativas norte-americanas relativas ao conflito no Oriente Médio e gerou novas realidades que começariam a dificultar a identificação de interesses Israel e os EUA. Em princípio os dois países ainda compartilhavam interesses básicos e suas diferenças não seriam irreconciliáveis mas a acomodação de suas posições exigiria duras negociações e um doloroso processo.<sup>1</sup>

Antes da eclosão da Guerra de Outubro, eram as seguintes as premissas norte-americanas:

- os árabes seriam dissuadidos de iniciar uma guerra pela ampla superioridade militar israelense e pelo inequívoco apoio dos norte-americanos, forçando-os a buscar um acordo; contra todas as expectativas, os árabes optaram pela guerra.
- em caso de guerra, os EUA assumiam que os árabes seriam derrotados rápida e decisivamente; os EUA somente teriam que lidar com os efeitos sobre os países derrotados. Contrariando estas previsões, os árabes colocaram em perigo a existência de Israel e envolveram os EUA em uma complicada situação de escalada com a URSS.
- os EUA acreditavam ter colocado os soviéticos em uma situação em que evitariam envolver-se em conflitos ou exacerbá-los; comportando-se da maneira oposta, a USSR interveio na guerra forçando os EUA a intervir diretamente, e gerando o risco de um perigoso confronto entre as superpotências.
- os EUA acreditavam no interesse vital dos países árabes, ricos em petróleo, em evitar um confronto causado pelo conflito árabe-israelense, apesar de diversos alertas por eles emitidos sobre a possível vinculação entre o apoio a Israel e a continuidade do fornecimento de petróleo; descartavam, ainda, os possíveis efeitos das sanções com as quais foram ameaçados, não tendo levado em conta o efeito do aumento de preços do petróleo que se tornou possível quando o Irã

---

<sup>1</sup> O interesse norte-americano de contenção da URSS, por exemplo, era compatível com o interesse israelense de combater o fortalecimento dos países árabes radicais. Mas quando os EUA reconheceram a oportunidade de atrair o Egito, deixaram de atender às reivindicações israelenses, para que uma vitória total sobre o Egito fosse alcançada.

também o instituiu. Não só os países árabes desafiaram os EUA, como também fizeram, pela primeira vez, uso efetivo da arma do petróleo.<sup>2</sup>

- os EUA assumiram que a Europa Ocidental, sua aliada na Guerra Fria, se manteria à margem do conflito; ao contrário, houve um profundo envolvimento dos países-chave da Europa, recusando apoio ao esforço norte-americano de reabastecimento a Israel.
- os EUA acreditavam ter controlado e isolado o conflito árabe-israelense através de ações diplomáticas e da instituição de um estável equilíbrio de poder; em lugar da estabilidade, gerou-se um conflito tão ou mais explosivo que os anteriores, com repercussões mais amplas e profundas que qualquer dos embates anteriores na região.

As frustradas tentativas de negociar uma melhora nas relações, que se seguiram

ao acordo que deu término à “Guerra de Atrito”, gerariam uma situação generalizada de frustração no mundo árabe, especialmente no Egito onde o sucessor de Nasser governava à sombra da imagem do líder e somente poderia consolidar sua posição através de uma significativa melhora nas condições econômicas, ou com a tradicional utilização da questão israelense. O Egito do início da década de 1970 necessitava, acima de tudo, de uma nova identidade; segundo Heikal, ainda durante o final do governo de Nasser o país estava alienado das principais correntes do mundo árabe, tendo de um lado os palestinos e os países árabes radicais (Síria, Iraque, Líbia) que criticavam a liderança egípcia por sua falta de engajamento na causa árabe, de outro as monarquias conservadoras que o menosprezavam; e dependia da URSS, cuja ideologia gerava a rejeição de todos os crentes do Islã. (HEIKAL, 1976 : 108-110)

O governo de Sadat traria como principal mudança na política externa egípcia em relação a Israel, a substituição da destruição do estado sionista, pela recuperação dos territórios perdidos pelo Egito na Guerra de Junho de 1967, como seu principal objetivo.

Em fevereiro de 1971, no âmbito das negociações do Plano Rogers, promovido pelo Secretário de Estado norte-americano, Sadat anunciou que o Egito estava preparado para assinar um acordo de paz com Israel, incorporando um acordo definitivo que levasse à restituição da soberania egípcia sobre o Sinai. A recusa de Israel, que vinculou a devolução dos territórios à assinatura de

---

<sup>2</sup> Houve um breve embargo durante a Guerra de Junho de 1967, mas que não surtiu efeito já que, a independência norte-americana do petróleo árabe naquela época, permitiu o desvio de suprimentos das Américas para a Europa, neutralizando plenamente os efeitos da ação árabe

um acordo de paz generalizado<sup>3</sup> levaria Sadat a declarar 1971 como o “ano da decisão”. A manutenção do equilíbrio, de interesse tanto de Israel quanto dos EUA servia para demonstrar que uma Israel forte, firmemente apoiada pelos EUA representava o meio mais efetivo de prevenir a guerra na região. (inclusive evitando a postura preemptiva de Israel através do domínio de uma profundidade estratégica adquirida em 1967).

A cúpula de Moscou entre Nixon e Brezhnev, e o acordo sobre a necessidade de evitar conflitos armados no Oriente Médio levou Sadat a concluir que, não só não poderia contar com a URSS para recuperar o Sinai, mas poderia eventualmente ser por ela impedido de fazê-lo, em virtude dos interesses maiores ligados à *détente*. O rei Faisal da Arábia Saudita, já tendo reconhecido a postura mais moderada de Sadat, recomendou-lhe um afastamento da URSS que estimularia um correspondente afastamento dos EUA de Israel, promovendo um acordo que pudesse ser aceito pelos países árabes.

O afastamento do Egito da URSS, aliado ao desarranjo e confusão nas relações entre os países árabes parecia apoiar outra tese israelense de que, o apoio norte-americano a Israel não prejudicaria a posição dos EUA junto a seus aliados árabes moderados e conservadores que necessitavam do apoio norte-americano para enfrentar os países radicais apoiados pela URSS. Os contatos entre o Egito e os EUA deixaram a impressão de que os EUA, na busca de seus interesses, adotaram a visão da situação do Oriente Médio e dos meios para resolver suas crises, idênticos à dos israelenses. Assim, os EUA decidiram apoiar a manutenção do *status quo* até que os países árabes se dispusessem a negociar com Israel sem apresentar condições prévias que os israelenses consideravam inaceitáveis.

As várias tentativas de negociação realizadas entre 1971 e 1973, encontraram na interpretação da Resolução 242<sup>4</sup> das Nações Unidas que regulou o final da Guerra de Junho em novembro de 1967, a sua principal dificuldade. Como vimos anteriormente, as diferentes traduções, permitindo diferenciar a retirada “de territórios ocupados” [em inglês] ,da expressão em francês redigida como “dos territórios ocupados” [aceita pelos países árabes], manteria o impasse

que Sadat decidiria romper com uma nova guerra. Tanto em 1971 quanto em 1972 e, finalmente, em 1973, Sadat anunciou reiteradamente que o ano da decisão havia chegado, gerando uma situação de pressão insustentável por uma ação decisiva.

---

<sup>3</sup> Durante meses discutiu-se o chamado “terceiro Plano Rogers” em que os israelenses recusavam a fórmula de uma retirada parcial que permitisse a reabertura do Canal de Suez e eventualmente a transferência de tropas egípcias para a margem oriental do Canal. Ironicamente, esta seria a solução implementada por Kissinger após a Guerra de Outubro de 1973.

<sup>4</sup> Veja nota à pag. 141

Além da situação de isolamento do Egito, Sadat teria de enfrentar também uma difícil associação com a URSS. A superpotência havia reconhecido a situação de interdependência vigente nas relações com os EUA e se engajado em negociações que levaram à assinatura do Tratado SALT I e à expectativa de amplas relações comerciais, notadamente a importação de grãos e de tecnologia, beneficiadas pela concessão de créditos.

Para a liderança soviética, o relaxamento das tensões com os EUA, proposto pelo processo de *détente*, não impedia a continuidade da competição em outras regiões do globo, mas não em intensidade tal que colocasse em risco o processo principal de distensão.

Segundo Kissinger, “Brezhnev vê os EUA ao mesmo tempo como rival, uma ameaça mortal, um modelo, uma fonte de assistência e um parceiro na luta pela sobrevivência física. Estes impulsos conflitantes tornam ambivalente a motivação da política soviética em relação a nós. Por um lado Brezhnev certamente quer entrar para a história como o líder que trouxe a paz e uma vida melhor para a Rússia. Isto requer conciliação e políticas cooperativas em relação a nós; mas ele continua sendo um comunista convicto que vê a política como uma luta de um só vencedor, e pretende que este vencedor seja a URSS. Seus repetidos esforços para atrair-nos para acordos tipo “condomínio”, especialmente sua proposta de um pacto nuclear de não-agressão, tem por objetivo tanto garantir a paz como minar nossas alianças e outras associações.<sup>5</sup> A aposta de Brezhnev é de que, uma vez que estas políticas ganhem impulso e longevidade, seus efeitos não solaparão o sistema do qual ele retira seu poder e legitimidade. Nosso objetivo, por outro lado é o de obter exatamente estes efeitos no longo prazo.

A principal questão de longo prazo é justamente se os soviéticos serão capazes de manter seu bloco coeso, enquanto esperam que o Ocidente sucumba a um longo período de relaxamento e às tentações da competição econômica. Certamente nossas chances são tão boas quanto as deles, considerando a história de discordância da Europa Oriental.” (KISSINGER, 1982 : 242)

Em 1972, em reação a uma série de incidentes relacionados com a presença soviética no Egito<sup>6</sup>, Sadat decide expulsar os 20.000 assessores soviéticos<sup>7</sup> que haviam conduzido as questões militares desde a “Guerra de Atrito” e que, considerando os

---

<sup>5</sup> A Europa Ocidental em especial, assim como outros aliados dos EUA, dependiam do “guarda chuva” nuclear norte-americano, que poderia não estar disponível se houvesse uma garantia de não-agressão em relação à URSS

<sup>6</sup> Entre outros a tentativa da URSS de cobrar em moeda forte o pagamento por aviões MiG 21, quando o acordo em vigor previa o pagamento somente pelos modernos MiG 25

<sup>7</sup> Como resposta a Sadat, e para intensificar sua presença junto ao aliado remanescente na área, a URSS enviou enormes quantidades de equipamento ultra-moderno à Síria, entre os quais mísseis portáteis SAM-6, caças MIG-21 e tanques de última geração. (SACHAR, 1996 :748)

interesses mais amplos da URSS, certamente teriam exercido uma influência restritiva sobre os planos de Sadat. (HEIKAL , 1976 :162 )

Sadat estaria também reagindo à impressão de que na recente reunião de cúpula EUA-URSS o conflito do Oriente Médio havia sido “congelado” para que outras questões mais importantes fossem resolvidas [Índia – Paquistão, mísseis, licenças de exportação, Vietnã] .Segundo Heikal, ainda que dispostos a fornecer armamento para manter a paridade entre o Egito e Israel, os soviéticos não se dispunham a discutir uma estratégia comum. Entretanto a expulsão, por parte de Sadat, dos assessores soviéticos em 1972, foi vista pelos EUA como um reforço da tese israelense de que o apoio a uma postura firme de Israel representava o melhor meio de impedir a presença do poder e da influência soviéticos na região. A divergência de Sadat com a liderança soviética pode ser exemplificada, também, através da discussão sobre o fornecimento de um novo modelo de avião lança-mísseis Ilyushin que havia sido oferecido aos egípcios, com a condição de que sua utilização tivesse autorização prévia da URSS. Um presidente novo, tendo que impor-se após a liderança carismática de Nasser, certamente não poderia aceitar tais condições. Poderia, entretanto, beneficiar-se da ausência da atmosfera de confronto mantida por Nasser, permitindo assim a abertura aos EUA. (HEIKAL , 1976 :118 )

O afastamento da URSS geraria então, além da independência para a utilização do arsenal acumulado, também credibilidade para as aberturas em direção aos EUA, já reconhecidos por Sadat como o canal para obter dos israelenses as concessões que decorreriam do resultado do ataque egípcio. Talvez seja esta a principal motivação do presidente egípcio, que via a retirada dos militares soviéticos como uma garantia de que, no momento da abertura em direção aos EUA, não haveria o risco de uma oposição local apoiada por forças soviéticas.

No início da década de 1970 a URSS havia praticamente atingido a paridade nuclear com os EUA, que haviam deixado de ser a potência hegemônica que emergira da Segunda Guerra Mundial. As economias da Europa e do Japão cresciam significativamente e abocanhavam uma parcela cada vez maior dos 50% do comércio mundial que os EUA haviam dominado no início da década de 1950 e a experiência do Vietnã se aproximava de seu final, com um efeito devastador sobre a disposição norte-americana de intervir em conflitos distantes. O reconhecimento por parte do governo Nixon de que a paridade havia sido alcançada levou à assinatura dos acordos SALT I e ABM e o congelamento do número de mísseis nucleares, encerrando uma era de superioridade estratégica norte-americana e consolidando a percepção da destruição mútua assegurada.

Kissinger explica a lógica da paridade da seguinte forma: “ a partir dos anos 1960, o equilíbrio militar começou a mudar, no início imperceptivelmente, tão grande era nossa superioridade, mas em um ritmo crescente com o passar dos anos. Nos anos 1970 já se podia prever que, quando os soviéticos desenvolvessem ogivas múltiplas, a maior capacidade de seus mísseis se traduziria em mais ogivas, de maior poder explosivo, deixando vulnerável nossa base de mísseis terrestres e tornando inócua nossa ameaça de

iniciar um confronto nuclear. Tal situação aumentaria exponencialmente o risco de nossos aliados, em níveis de violência abaixo de um confronto nuclear geral”. (KISSINGER, 1982 : 259)

Como vimos anteriormente, pouco avanço houve nos esforços para se chegar a um acordo de paz no Oriente Médio após a Guerra de Junho de 1967 e a escalada da Guerra de Atrito. Tanto as Nações Unidas através de seu enviado especial Gunnar Jarring quanto o primeiro Secretário de Estado de Nixon, William Rogers tentaram sem sucesso fórmulas para aproximar Israel de seus adversários.<sup>8</sup> Este fracasso se deveu, em parte, a divisões existentes no gabinete norte-americano decorrentes da estrutura criada por Nixon, que privilegiava seu controle da formulação de política externa através de Henry Kissinger, seu Assessor de Segurança Nacional. Kissinger daria um novo rumo à política externa norte-americana, abandonando o “caráter passivo e excessivamente idealista da contenção”.

De acordo com Kissinger, “A nova abordagem de Nixon da política externa desafiou o excepcionalismo americano e seu imperativo de que a política fosse baseada sobre a afirmação de valores transcendentes. O desafio da América, da maneira como Nixon e seus conselheiros o compreendiam, era adaptar estas verdades tradicionais a um novo ambiente internacional. A experiência doméstica da América havia-a levado a interpretar a ordem internacional como sendo essencialmente benigna, e sua diplomacia como uma expressão da boa vontade e disposição no que dizia respeito ao compromisso. Neste esquema, a hostilidade era percebida como uma aberração. A política externa de Nixon, por outro lado, percebia o mundo como composto de desafios ambíguos, de nações impelidas pelos interesses ao contrário de pela boa vontade e de mudanças incrementais em lugar de finais; um mundo, em suma, que poderia ser administrado mas que não poderia ser nem dominado e tampouco rejeitado. Em tal mundo nenhum ponto terminal bem definido era visível, e a solução para um problema mais provavelmente transformar-se-ia em um bilhete de entrada para o próximo.” Como realista, Kissinger reconhecia a URSS como a superpotência rival e buscava, através da *détente* e da cooperação com a URSS chegar a um equilíbrio de poder. A incorporação da China nesta matriz seria a outra ferramenta inovadora introduzida pela dupla Nixon - Kissinger, o que também permitiria resolver o problema do Vietnã. O Secretário de Estado William Rogers ficaria à margem destas mudanças, até ser substituído pelo próprio Kissinger, já no segundo mandato de Nixon em setembro de 1973. Compreensivelmente, as iniciativas de Rogers receberiam pouco ou nenhum respaldo da Casa Branca servindo, segundo Nixon, “para

---

<sup>8</sup> William Rogers adotaria uma postura semelhante à da primeira fase do governo Eisenhower, de pressão sobre Israel para a obtenção de uma solução diplomática, que reduziria o ressentimento árabe contra os EUA. Já Kissinger acreditava não haver interesse em impôr a Israel um acordo sob pressão, o que só reforçaria a convicção de que a extorsão é o melhor instrumento para lidar com os EUA.

(KISSINGER, 1982 :201)

que o mundo árabe soubesse que os EUA não descartam automaticamente a questão dos territórios ocupados nem um acordo negociado.” (NIXON, 1978 : 477 )

Por um lado os israelenses repousavam nas glórias de sua conquista, engajando-se na colonização das áreas ocupadas, por outro os EUA, preocupados com o Vietnã e assegurados da superioridade israelense mantenedora do equilíbrio, não viam motivo para hostilizar os israelenses forçando-os a um acordo que não lhes interessava. De nada serviram as indicações de Sadat de que estava disposto a inaugurar uma nova era nas relações com os EUA;<sup>9</sup> o Egito continuou dependente da ajuda militar soviética e a URSS fortemente engajada na Síria.

A mudança de atitude do Egito implicava também numa aproximação daqueles países árabes que pudessem favorecer suas futuras ações, provocando uma dispersão das forças israelenses no caso de uma guerra; assim, Sadat reatou relações com o rei Faisal da Arábia Saudita, eliminando suas suspeitas de qualquer resquício das aspirações nasseristas de revolução pan-arabista, garantindo o apoio de Faisal e seu compromisso de participação em um boicote ao fornecimento de petróleo, caso a aventura militar egípcia encontrasse dificuldades.

A reaproximação com a Jordânia seria mais complexa já que, envolvendo também a Síria, implicava em uma aceitação por parte do rei Hussein da eliminação do risco de apoio sírio à desestabilização do monarca jordaniano, enquanto ainda estavam abertas as feridas do episódio de setembro de 1970 que, através do envolvimento sírio, quase provocou a vitória da OLP. O recente assassinato do primeiro-ministro jordaniano no Cairo, por guerrilheiros palestinos, também não contribuía para a atmosfera de aproximação. Ainda que a Jordânia deixasse clara sua incapacidade de participar da ação militar planejada por Sadat, a simples ameaça latente de seu envolvimento no “ventre mole” representado pelo território da margem ocidental do Jordão seria suficiente para pressionar a distribuição das forças israelenses.

Os sírios, finalmente, tendo por objetivo a recuperação das colinas de Golan e possivelmente a destruição de Israel, não estariam interessados nem em negociações nem em uma aproximação com os EUA; taticamente a coordenação do ataque com o Egito

---

<sup>9</sup> Já em fevereiro de 1971, em uma tentativa de atrair os EUA, Sadat prometeu a reativação do Canal de Suez, fechado desde 1967, se Israel retirasse suas forças da margem oriental do Canal, assim como assinar um tratado de paz com Israel se este retornasse às fronteiras pré-1967

poderia facilitar sua ação militar mas a diferença nos objetivos finais<sup>10</sup> dos dois países levaria a uma cisão entre Assad e Sadat logo no início das hostilidades.

Sadat declara em suas memórias que a decisão de fazer a guerra foi tomada em novembro de 1972. Segundo Heikal, Sadat temia que o avanço do processo de détente se impusesse, antes que os egípcios pudessem impor uma nova realidade, e as novas relações de distensão entre as superpotências determinariam as condições para o Oriente Médio.

Em 4 de outubro de 1973 a URSS iniciou uma operação para a retirada de todos os civis do Egito, ação que foi interpretada como receio de um ataque israelense e não do ataque surpresa realizado pelo Egito e pela Síria na tarde de 6 de outubro.

Após mais de seis anos da derrota sofrida durante a Guerra de Junho de 1967, as forças egípcias e sírias, coordenadas em um ataque surpresa, cruzaram as linhas de cessar-fogo e tomaram de assalto as posições israelenses no Golan e na margem oriental do Canal de Suez, uma ação inédita na história do conflito árabe-israelense.

Enquanto os sírios, com o objetivo de retomar a maior parte possível das Colinas de Golan e eventualmente infiltrar-se na Galiléia, lançaram uma operação ofensiva de grande envergadura, liderada por blindados e apoiada pela força aérea, nos moldes da operação preemptiva lançada por Israel em 5 de junho de 1967. Os egípcios, por sua vez, tendo por objetivo somente instalar-se na margem oriental do Canal de Suez, cruzaram o Canal com forças de infantaria equipadas com mísseis anti-tanque que lograram repelir os poucos blindados israelenses presentes na primeira linha de defesa do Canal. Os militares egípcios também haviam incorporado as lições das guerras de 1967 e da “Guerra de Atrito”, mantendo suas tropas e blindados sob o “guarda-chuva” protetor da extensa rede de mísseis SAM-3 instalados na margem ocidental do Canal e que permitiam uma cobertura de até 20 km na margem oposta, somados aos mísseis portáteis SAM-6 que a infantaria havia transportado durante a travessia.

Doze horas depois de iniciado o ataque, as casamatas da Linha Bar-Lev ao longo do Canal haviam sido tomadas ou cercadas e a maioria dos tanques disponíveis no Sinai havia sido destruída. E no dia seguinte fracassaria o contra-ataque israelense deixando praticamente aniquilados dois batalhões blindados, tendo a maioria dos soldados e inclusive o comandante de um deles caído prisioneiro dos egípcios.

(HEIKAL, 1976: 211) (VAN CREVELD, 1998:228)

---

<sup>10</sup> Sadat não informaria ao presidente sírio seu objetivo limitado, de somente estabelecer uma “cabeça de ponte” egípcia na margem oriental do Canal de Suez, para forçar o início de negociações com Israel.



A decisão israelense de defender a linha Bar-Lev ignorou a profundidade estratégica disponível aos israelenses no Sinai, extraindo um alto custo em vidas humanas e equipamento nos primeiros momentos da guerra, e antes que fosse possível mobilizar a reserva. Já no Golan, esta profundidade quase não existia; a posição mais importante na linha de frente, a estação de alerta avançado do monte Hermon, foi tomada por comandos sírios aéreo-transportados logo no início da guerra, e os blindados sírios tomaram de assalto quase toda a área conquistada por Israel no último dia da guerra em 1967. As forças sírias continuaram a avançar contra uma defesa israelense quase impotente, até que em 9 de outubro a principal força de ataque síria interrompeu seu avanço e retrocedeu em direção a Damasco. Entre as várias conjecturas sobre as razões para a interrupção do ataque sírio estão a constatação da iminente chegada das reservas mobilizadas, mas também o ataque da Força Aérea Israelense contra Damasco e o possível alerta do governo israelense, de que o cruzamento por tropas sírias da linha de fronteira pré-1967, seria contido com a utilização de armas nucleares táticas. Segundo Hersh, mísseis balísticos Jericó, e aviões Phantom F-4 foram equipados com artefatos nucleares tendo como alvo tanto o Egito quanto a Síria.

(HERSH, 1991: 222-226)

Na madrugada e na manhã do dia 9 de outubro, o embaixador israelense em Washington, Simcha Dinitz, transmitiu a Kissinger a urgência israelense na reposição do armamento perdido e munição expandida, quantidades que poderiam ter sido administradas caso o cenário original de uma guerra curta tivesse se materializado. Mas com o risco de as duas frentes tomarem a forma de uma guerra de trincheiras, os israelenses chegaram às bordas do desespero com Dinitz sugerindo inclusive uma visita do primeiro-ministro Golda Meir para, pessoalmente, convencer o presidente Nixon da necessidade de iniciar uma “ponte aérea” de reabastecimento. Segundo Kissinger, a idéia foi rejeitada de imediato já que, o afastamento de Golda Meir por no mínimo 36 horas em meio a uma guerra deste porte, significaria pânico absoluto por parte dos israelenses e poderia provocar o engajamento daqueles países árabes que ainda não se haviam envolvido. (KISSINGER, 1982 : 493)

Em uma tentativa de influenciar a reação dos EUA às solicitações de Israel, Dinitz teria enfatizado, ao final da reunião com Kissinger, a urgência da situação, introduzindo o elemento nuclear; Kissinger foi informado que mísseis Jericó haviam sido armados com ogivas nucleares e colocados em alerta, ainda que Golda Meir não aprovasse a utilização destas armas. (ISAACSON, 1992 : 517-522)

A própria flexibilidade da doutrina nuclear norte-americana, que havia passado do conceito de retaliação total para o de uma resposta mais flexível, dava credibilidade à ameaça israelense. Durante a apresentação do Quarto Relatório Anual sobre Política

Externa ao Congresso dos EUA<sup>11</sup>, em 3 de maio de 1973, Nixon havia declarado que “ a credibilidade da dissuasão nos anos 1970 requer grande flexibilidade. A ausência de flexibilidade de nossa parte poderia tentar um agressor a usar armas nucleares de forma limitada em uma crise. Se os EUA tiverem a flexibilidade de usar suas forças de forma controlada, a probabilidade da resposta nuclear será maior, tornando portanto a dissuasão mais efetiva.”

A constatação por parte dos EUA de que Israel poderia escalar o conflito [introduzindo armas nucleares] para impedir o avanço das tropas sírias, e as evidências do início de um esforço concentrado, aéreo e naval dos soviéticos para repor as armas perdidas pelo Egito e pela Síria, transformaram a lenta burocracia norte-americana em um engajamento absoluto que levou a Israel milhares de toneladas de equipamento a bordo dos maiores aviões de transporte disponíveis na força aérea dos EUA, além de repôr através de vôos diretos, com reabastecimento aéreo, os aviões derrubados pelos mísseis soviéticos. Kissinger e Nixon haviam reconhecido a necessidade, não só de apoiar seu aliado e cliente, mas também de transmitir à URSS a mensagem de que seu apoio à agressão não seria deixado sem resposta.

A evolução das posições dos EUA permite concluir que, a decisão de iniciar abastecimento de armas a Israel teria sido composto pela combinação do interesse de evitar uma derrota israelense com a urgência de evitar um rompimento da nítida linha que separa um conflito convencional de um conflito nuclear.

Obviamente, além da guerra em andamento entre Israel o Egito e a Síria, e da disputa pela supremacia entre as superpotências, havia outras relações que tinham de ser levadas em conta; foram duas as principais conseqüências para os EUA, da decisão de autorizar a “ponte aérea” a Israel:

- um embargo de petróleo, de efeitos catastróficos para a economia norte-americana e que levaria anos para ser compensado, foi anunciado pela Arábia Saudita, Iraque e principados do Golfo Pérsico, retirando do mercado quase dez por cento do petróleo disponível antes da guerra e elevando os preços em quase seiscentos por cento (YERGIN, 1992 : 615)
- as relações com os países da OTAN sofreriam um abalo, com a proibição para que os EUA utilizassem os campos de pouso de seus aliados para cobrir o trajeto até Israel. Somente Portugal, após enfrentar severa pressão exercida pelos EUA, autorizou a utilização da Base Aérea de Açores para o reabastecimento. A República Federal da Alemanha protestou quando armamento norte-americano estocado em seu território foi transferido para Israel, alegando que tal ação poderia deixar as tropas da OTAN vulneráveis a um ataque do Pacto de Varsóvia.

---

<sup>11</sup> The Public Papers of the Presidents, Richard Nixon 1973, Pg. 482, Item 141, May 3

Os primeiros vôos de re-abastecimento levaram a Israel mísseis anti-tanque TOW, equivalentes aos Sagger soviéticos que dizimaram as forças israelenses logo no primeiro dia de batalha<sup>12</sup>. Uma “ponte-aérea” soviética enquanto isto abastecia o Egito e a Síria, com navios soviéticos a caminho, [ao contrário do abastecimento norte-americano a Israel, que mesmo da Europa demandava mais de uma semana, o tempo de trânsito dos portos soviéticos no Mar Negro até Latakia na Síria era de apenas três dias] com equipamento pesado, que não só teria a função de repor as perdas dos árabes após o encerramento do conflito, mas poderia ser diretamente engajado nas batalhas em curso.

(ISRAELYAN, 1995: 57)

Um dos dilemas dos EUA nas suas manobras diplomáticas durante e após a guerra relacionava-se com o equilíbrio entre a magnitude da derrota árabe e a percepção de vinculação com a URSS. Ao mesmo tempo em que buscava minimizar ameaças aos interesses norte-americanos, como a intervenção direta dos soviéticos, um embargo do petróleo árabe, e uma derrota total da Síria e do Egito [o que impediria que os israelenses cedessem em uma negociação a partir de posições estabelecidas em um cessar-fogo], Kissinger procurou limitar a influência soviética sem que fosse gerado um maior antagonismo contra os EUA. A dificuldade em negociar (com a URSS) um cessar-fogo que entrasse em vigor no momento certo estava ligada a uma possível derrota total dos árabes, como em 1967, que destruísse a possibilidade de um acordo negociado sob os auspícios dos EUA, e eventualmente permitisse o enfraquecimento dos países árabes moderados e o fortalecimento da posição dos países radicais, ainda que militarmente derrotados. Uma derrota dos países radicais, como em 1967, poderia levar ao retorno da URSS ao Egito, para rearmá-lo, e trazer o apoio dos países produtores de petróleo interessados em resgatar a honra dos árabes, novamente derrotados.

Outra contradição estava relacionada com o nível de apoio a Israel; Kissinger estava convencido de que Israel, o aliado *de facto* dos EUA, sairia vitorioso da guerra, e os países árabes moderados temiam tanto a derrota de seus irmãos árabes quanto sua vitória através de armas soviéticas. O presidente Nixon teria instruído Kissinger da seguinte forma: “ não podemos permitir, sob nenhuma circunstância, que a vitória de Israel – e eles certamente vencerão, graças a D’us, eles devem - faça esta situação manter-se pendente por outros quatro anos e meio, mantendo-nos em disputa com o mundo árabe”. (KISSINGER, 1982 : 468)

---

<sup>12</sup> Dos 256 tanques engajados no primeiro dia de batalha no Sinai, somente 100 sobreviveram às modernas armas anti-tanque empregadas pelos egípcios (SCHIFF, 1974: 294)

E, em suas memórias Nixon escreveria: “Ainda que tivéssemos que defender os interesses dos israelenses durante este conflito, em que foram vítimas da agressão, esperava que pudessemos apoiá-los de tal maneira que não causassemos um rompimento irremediável com os egípcios, os sírios e outros países árabes. (NIXON, 1978 : 922)

Este equilíbrio foi obtido, compensando o apoio diplomático dado a Israel até os últimos dias da guerra, através da protelação da votação de um cessar-fogo definitivo no Conselho de Segurança, enquanto adiavam o início de uma transferência maciça de armamentos utilizando primeiro somente aviões da companhia israelense EL Al, depois buscando a alternativa de aviões fretados e finalmente, em 13 de outubro, engajando os aviões da Força Aérea dos EUA.

No início da guerra coincidiam as posições de Israel, do Egito e da Síria em relação a um cessar-fogo; os israelenses esperavam reverter rapidamente suas perdas, assim que suas reservas entrassem em combate, enquanto a Síria e o Egito não estavam dispostos a deter seus exércitos em pleno avanço. Os EUA, interessados em não permitir que os aliados dos soviéticos terminassem a guerra com uma nítida vitória, ainda que limitada sobre Israel, seu protegido, também abstiveram-se de empenhar-se com a promoção de qualquer proposta de cessar-fogo nas Nações Unidas. Aos EUA e a Israel interessava um retorno ao *status quo ante*, enquanto os árabes e a URSS insistiam em um retorno às linhas pré-1967. A aquiescência dos EUA permitiria, não só obter o resultado esperado no campo de batalha, como também uma ‘moeda de troca’ para negociar com os israelenses quando uma retirada fosse necessária.

Segundo William Quandt, a chave da questão estava no cessar-fogo. Uma decisão favorecendo um retorno às posições ocupadas antes do início da guerra apresentaria sérios riscos aos interesses norte-americanos, já que implicaria em um prolongamento das hostilidades [Israel já demonstrava não ser capaz de reverter a ofensiva árabe logo nos primeiros dias de luta]. Um cessar-fogo “no local” (*cease-fire in place*), por sua vez, hostilizaria os israelenses que teriam sido impedidos de recuperar o território perdido. Na sua opinião, valeria a pena opor-se à posição de Israel apesar do custo em termos de apoio político e militar que seria demandado após a guerra. (QUANDT, 1977 : 127)

O memorando da conversa entre Kissinger e Huang Zhen, o representante chinês em Washington, no final do primeiro dia da guerra, é esclarecedor da estratégia e das expectativas norte-americanas. De acordo com Kissinger, "nosso objetivo estratégico consiste em evitar que os soviéticos obtenham uma posição dominante no Oriente Médio. Acreditando que os israelenses obteriam uma rápida vitória sobre os árabes, Kissinger pensava poder demonstrar aos países árabes que, aquele que obtém ajuda da URSS não pode alcançar seus objetivos"<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> Disponível em: <http://www.us-israel.org/jsource/History/73wardocs.html>

A expectativa dos árabes de conquistar algum território antes da interrupção dos combates seria solapada através da promoção de um cessar-fogo baseado no “*status quo ante*.” Mas como Kissinger teria de assegurar algum progresso para as demandas árabes, uma vez iniciadas as negociações, os EUA se afastariam do ponto de vista israelense, oferecendo, entretanto, garantias de segurança às novas fronteiras definidas nos acordos.

A disposição de Kissinger de atrasar a primeira reunião do Conselho de Segurança da ONU aparentemente estava ligada à necessidade de recompensar os israelenses por não ter realizado o ataque preemptivo que sua doutrina ditava, permitindo-lhes recuperar o território perdido antes que uma intervenção interrompesse os combates. E os itens de consumo (mísseis, munição, peças de reposição) solicitados pelos israelenses podiam ser fornecidos sem grandes problemas. E, no primeiro dia da guerra, os contatos com os soviéticos haviam sido absolutamente calmos.

O objetivo norte-americano de desestabilizar a posição soviética no Oriente Médio mostrou-se viável logo no início das hostilidades. O canal aberto entre Kissinger e o governo egípcio foi ativado pelo Assessor de Segurança Nacional de Sadat, Haifez Ismail que, em uma mensagem secreta enviada através da missão da CIA no Cairo, delineou os objetivos egípcios. Ainda que Kissinger tenha considerado a exigência egípcia de restauração das fronteiras de 1967 inaceitáveis, o simples fato de Sadat arriscar a parceria com a Síria ou o apoio soviético, contatando os EUA, já representava um indício do reconhecimento por parte do Egito de que o caminho para a recuperação dos territórios ocupados passava por Washington e não por Moscou. (KISSINGER, 2003 : 110-111)

Entretanto, a continuação da guerra apontava para outras complicações: as perdas israelenses se acumulavam, intensificando as solicitações por reposição do armamento, e apresentava o risco de não favorecer uma rápida reviravolta através de uma contra-ofensiva israelense; cidadãos norte-americanos passaram a ser ameaçados no Líbano e em outros países árabes, aumentavam as demandas por um embargo às exportações de petróleo aos EUA e os bombardeios israelenses a Damasco haviam feito as primeiras vítimas soviéticas.

A derrota das forças sírias no Golan, e o posicionamento da artilharia israelense de longo alcance a uma distância capaz de atingir os subúrbios de Damasco, gerou tal pressão síria sobre seus aliados egípcios que, em 14 de outubro, estes cometeram o erro que os militares israelenses esperavam; as reservas blindadas egípcias cruzaram o Canal e, abandonando a proteção oferecida pela malha de mísseis anti-aéreos que haviam neutralizado a ação da Força Aérea Israelense, avançaram em uma ofensiva rumo aos passos

---

de Mitla e Gidi, apenas para serem massacrados pela ação combinada dos israelenses, combinando os mísseis anti-tanque recém chegados dos EUA, a aviação e os próprios tanques israelenses.<sup>14</sup>

Ao longo das duas semanas seguintes, as forças egípcias e israelenses se enfrentaram no Sinai, nas mais encarniçadas batalhas desde a Segunda Guerra Mundial, e um grupo liderado por Ariel Sharon conseguiu cruzar o Canal e interromper a estrada que ligava Suez ao Cairo, interrompendo o abastecimento das tropas do Terceiro Exército Egípcio, cercado no lado oriental do Canal, e deixando somente 150 tanques egípcios entre o exército israelense e o Cairo.

A arriscada manobra de Sharon, que tomou os egípcios completamente de surpresa, permitiria aos israelenses negociar a partir de uma posição de força, especialmente sua exigência de libertação rápida dos prisioneiros de guerra. Seria também o ponto crucial das divergências com os EUA, a partir do momento em que a pressão sobre Israel já havia desaparecido e os objetivos de Israel e dos EUA deixaram de convergir.

#### **4.3.6 O embargo de petróleo e o alerta nuclear**

---

<sup>14</sup> Department of State, Operations Center, Middle East Task Force, Situation Report #18, "Situation in the Middle East, as of 1800 EDT, Oct. 10, 1973" Source: NPMP, NSCF, box 1174, 1973 Middle East War - 10 October 1973 File No. 5

A partir da decisão de engajamento em um reabastecimento maciço de armamentos a Israel, o envolvimento dos EUA ficaria evidente, implicando a esperada reação dos países árabes ainda não diretamente vinculados ao conflito, especialmente os grandes produtores de petróleo da região. De nada valeram os esforços do Departamento de Estado dos EUA, focados na Arábia Saudita, e tentando apresentar o apoio norte-americano a Israel como um elemento de oposição ao avanço do comunismo soviético na região, para minimizar os efeitos do apoio explícito ao esforço militar israelense.

Em 17 de outubro, em uma reunião dos países árabes produtores de petróleo realizada no Kuwait, foi decidida uma redução na produção de petróleo, com reduções subseqüentes programadas para durar até que Israel se retirasse dos territórios ocupados em 1967. A redução da oferta disponível, com a manutenção da demanda e a proximidade do inverno no hemisfério norte (quando normalmente a demanda se acentua), permitiu aos países produtores mais que dobrar os preços do petróleo, gerando o apoio daqueles países não envolvidos no conflito, mas que certamente se beneficiavam da nova conjuntura.<sup>15</sup> De outubro a dezembro de 1973 o preço do barril de petróleo subiu de US\$ 3 para mais de US\$ 11, aumentando o custo anual para os EUA, Canadá e Europa Ocidental em mais de US\$ 40 bilhões. (KISSINGER, 1982: 885)

O impacto do embargo intensificou as diferenças já identificadas entre os EUA e seus aliados da OTAN, que passaram a alegar também que “os EUA haviam sido enganados pela URSS e estavam agora pagando o preço da détente”. Kissinger, por sua vez, reagiu às críticas de que os europeus não haviam sido

informados antecipadamente sobre o alerta nuclear<sup>16</sup>, classificando seu comportamento como o de “potências hostis” que não se dispuseram a apoiar os EUA em um momento de necessidade e perigo. (KISSINGER, 1982 : 628)

As relações entre as superpotências vinha melhorando e tinha sido reduzido o risco de um conflito ao longo dos últimos anos, especialmente após a incorporação da China ao equilíbrio de poder na Ásia. Tanto os EUA quanto a URSS buscaram atuar com moderação e refletiram a aproximação ocorrida nos últimos anos e os entendimentos das últimas reuniões de cúpula. Assim, o Acordo para a Prevenção de Guerra Nuclear, assinado em Washington em 22 de junho de 1973, declarava que os EUA e a URSS dava a maior importância à prevenção de situações capazes de colocar em risco suas relações e, portanto, farão o máximo para evitar

---

<sup>15</sup> O Irã havia frequentemente pressionado por um aumento nos preços do petróleo, no que tinha o apoio de certos setores da sociedade norte-americana (como os principais fabricantes de armamentos) que viam no aumento dos preços o potencial para a geração de recursos que permitissem a compra de aviões, tanques etc. dos EUA.

<sup>16</sup> O alerta nuclear norte-americano [que será abordado mais adiante], em reação à ameaça soviética de intervenção unilateral, não foi coordenado com os aliados europeus da OTAN.

confrontações militares e prevenir a eclosão de uma guerra nuclear.<sup>17</sup> Como veremos abaixo, o episódio do alerta nuclear, que nega esta evolução, teria sido decorrente de uma percepção equivocada das intenções de ambos os lados.

Em 22 de outubro os israelenses foram forçados a aceitar a Resolução nr. 338 do Conselho de Segurança das Nações Unidas, e um acordo de cessar-fogo negociado entre a URSS e os EUA [agora de interesse urgente dos egípcios, com seu Terceiro Exército sendo rapidamente cercado]. Na madrugada de 23 de outubro, o cessar-fogo foi rompido pelos israelenses [que provavelmente nunca tiveram a intenção de cumpri-lo] que mais tarde finalizariam o cerco, bloqueando o acesso de suprimentos ao exército egípcio, cercado na margem oriental do Canal.

Seguiu-se um violento protesto por parte dos soviéticos, apesar de a evolução dos acontecimentos ao longo das duas semanas de guerra entre os aliados das superpotências ter demonstrado, como vimos, o valor da *détente*, evitando uma escalada além das pontes aéreas estabelecidas pelas duas partes. Segundo Kissinger, o teor de suas conversas com os líderes israelenses, dando o exemplo das negociações no Vietnã, onde “o cessar-fogo nunca entrava em vigor menos de doze horas após a sua votação”, e as dificuldades em se definir a posição das tropas no momento em que o cessar-fogo deveria entrar em vigor, poderia ter encorajado os israelenses a continuarem avançando, ainda que o objetivo norte-americano era distinto dos israelenses e não previa a aniquilação ou rendição incondicional do Terceiro Exército Egípcio.

(ISAACSON, 1996 : 526-528) (KISSINGER, 1982: 569)

A grande probabilidade de finalização do cerco do Terceiro Exército Egípcio na Margem Oriental do Canal, pelas tropas israelenses, levando conseqüentemente à derrota total do cliente soviético levou Brezhnev a enviar a Nixon a seguinte mensagem:

“Sr. Presidente:

Recebi carta na qual me é informado que os israelenses deixaram de lutar. Os fatos, entretanto, demonstram que Israel continua a ignorar drasticamente a decisão do Conselho de Segurança sobre o cessar-fogo. Está, portanto, descaradamente desafiando tanto a URSS como os EUA já que é o acordo que temos que constitui a base da decisão do Conselho de Segurança. Em resumo, Israel simplesmente embarcou na estrada para a derrota.

Continua a apossar-se de novos e novos territórios. Como o Senhor sabe, as forças israelenses já abriram caminho até Suez. É impossível deixar que isto continue. Despachemos urgentemente ao Egito, a URSS e os EUA, contingentes militares soviéticos e

---

<sup>17</sup> <http://www.state.gov/r/pa/ho/frus/nixon/i/20706.htm>



norte-americanos, com a missão de implementar a decisão do Conselho de Segurança de 22 e 23 de agosto, relativas à cessação de fogo e de todas as atividades militares, e também a nosso entendimento sobre as garantias da implementação das decisões do Conselho de Segurança.

É necessária a imediata adesão dos EUA. Direi, diretamente, que se o Senhor achar impossível atuar em conjunto conosco neste caso, enfrentaremos a urgente necessidade de considerar a questão **de tomar as medidas apropriadas unilateralmente**.<sup>18</sup> Não podemos permitir arbitrariedade por parte de Israel.

Temos um entendimento com os EUA ao qual damos grande valor, ou seja, para atuarmos conjuntamente. Implementemos este entendimento em um caso concreto nesta situação complexa. Será um bom exemplo da concordância de nossas ações no interesse da paz. Não temos dúvida, que todos aqueles em favor da détente, da paz, das boas relações entre a URSS e os EUA, somente darão as boas vindas a tal ação conjunta de nossa parte. Apreciaria uma resposta clara e imediata.

Respeitosamente

L. Brezhnev<sup>19</sup>

A ameaça velada de Brezhnev, de realizar uma intervenção unilateral, não representava um desvio do padrão soviético de comportamento na fase final de cada um dos conflitos árabe-israelenses. Em 1956 os soviéticos ameaçaram atacar Israel com mísseis se as tropas israelenses não se retirassem do Sinai ocupado; em 1967, quando as tropas israelenses se aproximaram de Damasco, a reação soviética foi a mesma; em 1973, a ameaça de intervenção estava clara, ainda que sem a brutalidade das ameaças anteriores. Mas os indícios de que tropas soviéticas estavam se movimentando, de que tropas da República Democrática Alemã foram colocadas de prontidão, e uma mudança no padrão da “ponte-aérea” em andamento, interpretada como uma preparação para o efetivo envio de tropas à região foram as razões alegadas para a medida norte-americana de colocar as suas forças em nível de alerta DEFCON III,<sup>20</sup> alertar a 82ª Divisão aerotransportada e, numa reação clássica, levar a Sexta Frota em direção ao leste do Mediterrâneo. Segundo Kissinger, uma ameaça havia sido feita e não poderia ser deixada sem resposta. (SPIGEL, 1985 : 264) (Kissinger, 2003 : 343, 349-352)

---

<sup>18</sup> Grifo da tese

<sup>19</sup> Mensagem de Brezhnev para Nixon em 24 de Outubro de 1973, recebida no Departamento de Estado às 22:00 hs Source: NPMP, HAKO, box 69, Dobrynin/Kissinger Vol. 20 (October 12-November 27, 1973)  
<http://www.gwu.edu/~nsarchiv/NSAEBB/NSAEBB98/index.htm#VIII> .

<sup>20</sup> Condição de Defesa III significava colocar todas as unidades armadas, inclusive as nucleares, no mais alto estado de alerta para tempos de paz, e que as forças nucleares estavam prontas para uso iminente.

Segundo Israelyan, a carta de Brezhnev foi uma reação exagerada às demandas urgentes de Sadat por uma ação soviética e não havia intenção por parte da URSS de realizar uma intervenção no Egito. A formulação mencionando a possibilidade de uma intervenção unilateral tinha o objetivo de pressionar os EUA para que atendessem às solicitações de Sadat tendo a reação norte-americana sido completamente subestimada. (ISRAELYAN, 1995:180)

Enquanto isso, apesar de uma nova resolução do Conselho de Segurança exigindo a manutenção do cessar-fogo e que as tropas se mantivessem em suas posições, os israelenses mantiveram sua movimentação concluindo o cerco do Terceiro Exército, e cortando totalmente seus suprimentos.

Em um memorando secreto, que descreve uma reunião de Kissinger com sua equipe em 23 de outubro de 1973, o Secretário de Estado expõe a dificuldade de conciliar os vários interesses dos EUA em um ambiente de intenso conflito. Segundo Kissinger, “os EUA não poderiam tolerar uma derrota israelense, já que a derrota de mais um país armado pelos EUA [além do Vietnã do Sul, recentemente abandonado pelas tropas norte-americanas] por países armados pela URSS, levaria à conclusão de todos ao redor do mundo de que poderiam contar cada vez mais com a URSS. Em segundo lugar, abalaria a posição, no Oriente Médio, até daqueles países que anteriormente não se opunham a nós, como a Arábia Saudita e a Jordânia, se os países árabes radicais, apoiados pela URSS colhessem uma grande vitória sobre os israelenses. Por outro lado, os EUA não poderiam permitir que sua política se tornasse refém dos israelenses porque, além de objetivos comuns, como os acima mencionados, os interesses mais amplos não seriam idênticos aos de Israel.”<sup>21</sup>

Assim como Kissinger não poderia aceitar uma derrota israelense, uma derrota absoluta dos egípcios iria contra todo o plano traçado para a mediação norte-americana, além do risco de uma intervenção soviética. Após o recebimento por Nixon de apelos diretos de Sadat e de Brezhnev, para que transferência de comida, sangue, plasma e suprimentos médicos fossem autorizados, Israel foi alertado de que “perderia tudo” se não permitisse a solução da crise. Em um ultimato a Diniz, Kissinger ameaçou apoiar uma

---

<sup>21</sup> Transcript, "Secretary's Staff Meeting," 23 October 1973, 4:35 P.M. Source: Transcripts of Secretary of State Henry A. Kissinger Staff Meetings, 1973-1977. Box 1

resolução das Nações Unidas contra Israel, repetindo que “a destruição do Terceiro Exército não seria permitida”. (Kissinger, 1982 : 609)

A discussão em relação à conversa entre Kissinger e Dinitz no momento crucial da decisão sobre a extensão do avanço israelense, demonstrará o crescente brecha surgida entre os interesses das duas partes. Enquanto Kissinger estava interessado em permitir aos israelenses recuperar sua posição inicial ou no mínimo diminuir sua perda, estes buscavam novamente inflingir aos egípcios uma derrota equivalente à de 1967 [como os sírios haviam voltado a sofrer] para negociar a partir de uma posição de absoluta superioridade. (Spiegel, 1985 : 257 )

Já prevendo esta situação, Nixon havia confidenciado a Kissinger logo no início do conflito: “Uma de nossas preocupações deve ser, e você e eu sabemos quando olhamos para o que nos espera, que quando os israelenses terminarem de espancar os egípcios e os sírios, o que eles certamente farão, serão ainda mais impossíveis de lidar que antes, e eu e você temos que estar convencidos de que iremos necessitar de um acordo diplomático.” (Kissinger, 1982 : 490)

Segundo Spiegel, é surpreendente que Kissinger não tenha negociado com os soviéticos meios de controlar o cessar-fogo, levando em conta o desenho da linha de contato entre as tropas egípcias e israelenses. A falha de Kissinger seria seu erro diplomático mais grave, já que levaria à confrontação com os soviéticos e o obrigaria a forçar os israelenses a aceitar seu ultimato (SPIEGEL, 1985 : 262)

A pressão exercida pelos norte-americanos, após seu engajamento na ponte aérea e o enorme investimento financeiro realizado para apoiar os israelenses demonstra a combinação da política praticada pelos EUA, de dissuadir Israel da utilização de armas nucleares, ao mesmo tempo em que buscava limitar a atuação da URSS e atrair o Egito, prêmio buscado pela diplomacia norte-americana desde a década de 1950.

Os israelenses finalmente reconheceram que sua exigência de que as tropas egípcias se retirassem da margem direita do Canal e retrocedessem da margem esquerda era irrealizável, e que a proposta que haviam recebido, de **negociações diretas com os egípcios sem pré-condições estabelecidas**, para permitir o acesso de suprimentos não militares ao Terceiro Exército, atendia a uma de suas reivindicações mais antigas.

Enquanto egípcios e israelenses negociavam no Quilômetro 101 (da estrada Cairo – Suez), Kissinger e Ismail Fahmi, o Ministro das Relações Exteriores do Egito, discutiam a implementação do cessar-fogo e o abastecimento do Terceiro Exército

Egípcio, cercado na margem oriental do Canal. Kissinger teria de convencê-lo da importância dada pelos israelenses à questão dos prisioneiros de guerra, chegando finalmente a um acordo que representaria uma troca baseada nos elementos mais importantes das reivindicações de ambos os lados; os israelenses receberiam, primeiro uma relação dos prisioneiros em poder dos egípcios e posteriormente a sua libertação, e os egípcios poderiam abastecer seu exército, ainda que através de controles na área ocupada pelos israelenses, mas formalmente administrada por forças das Nações Unidas. O sucesso da intermediação de Kissinger levaria, finalmente, ao restabelecimento das relações diplomáticas entre Egito e os Estados Unidos, rompidas desde as acusações de participação norte-americana na vitória israelense de 1967.

Assim, o que havia sido o objetivo inicial de evitar uma derrota do aliado norte-americano, por países radicais armados pelos soviéticos transformou-se, no final da guerra, na obsessão de Kissinger de evitar que o Terceiro Exército Egípcio fosse obrigado a render-se incondicionalmente, dando aos israelenses uma vitória incontestável. A transformação de uma derrota militar egípcia iminente em uma semi-vitória, através da retirada das forças israelenses das duas margens do Canal e sua reabertura dois anos depois, fortaleceu a posição norte-americana na região às custas de sua rival, a URSS, e transformou as relações dos EUA com Israel, após anos de uma acomodação baseada na visão de que a capacidade do país de defender-se e de fazer frente aos aliados e clientes da URSS sem a intervenção direta dos EUA, seria suficiente para manter o *status quo* e o equilíbrio favorável aos EUA na região.